

A missão é a razão de existir das comunidades de Fé e constitui, por isso, tema sempre atual e inquietante. CONTEXTO PASTORAL introduz questões missiológicas importantes e mesmo polêmicas que dizem respeito, entre outros aspectos, à necessidade do testemunho explícito do Evangelho e à forma, por vezes desconcertante, como as Escrituras abordam a tarefa evangelizadora.

Páginas 5 a 9

IPB critica governo brasileiro

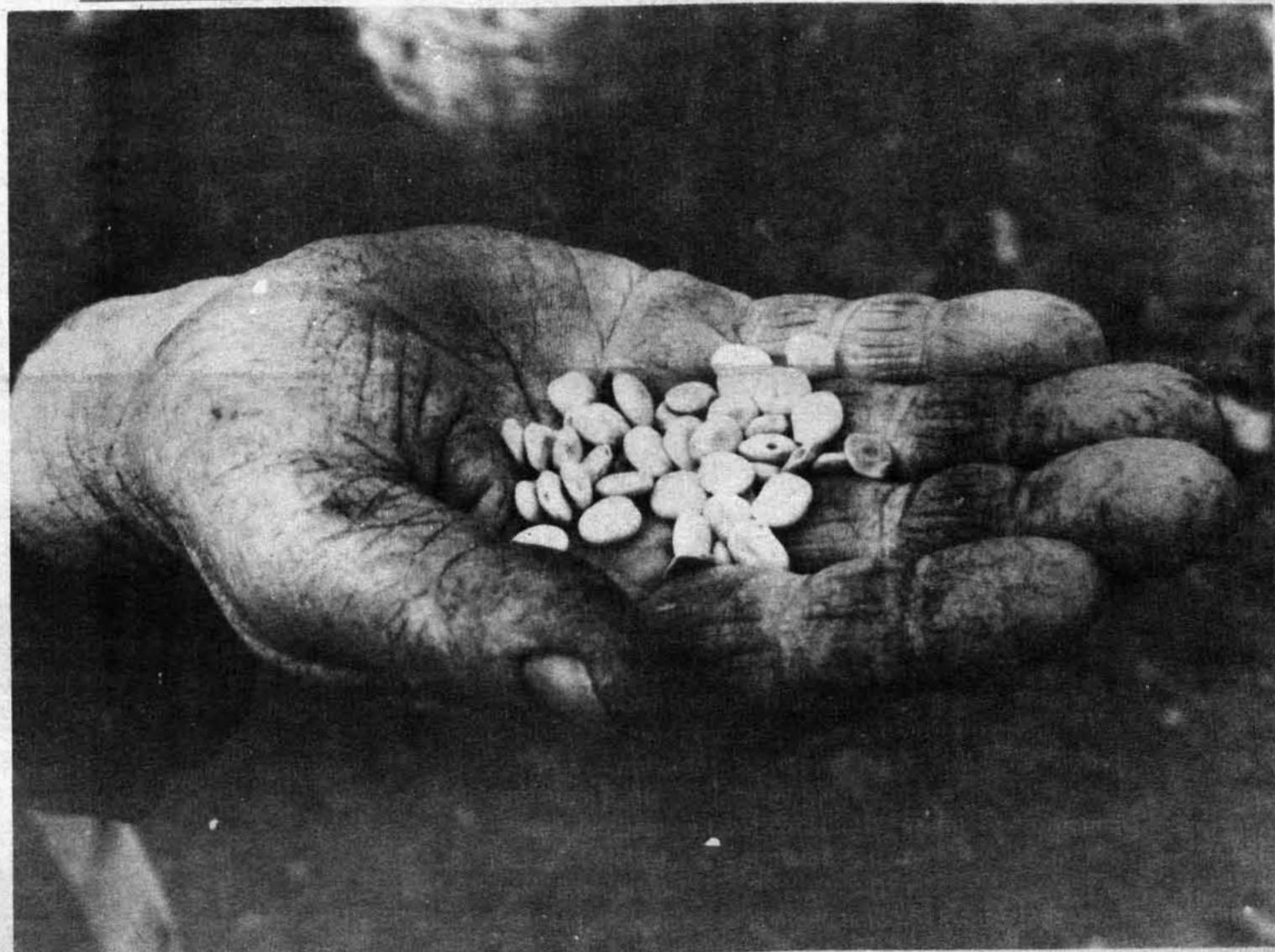
O presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), o pastor Guilhermino Cunha, fez duras críticas à política neoliberal do governo Fernando Henrique Cardoso em carta enviada à presidência da República e ao Congresso Nacional. Página 4

As mesmas limitações de sempre

Apesar da intenção declarada de ser uma contribuição ao ecumenismo, a mais recente encíclica do papa João Paulo II — “Para que todos sejam um” — apresenta os mesmos obstáculos relacionados à unidade dos cristãos. Página 11

MISSÃO

“O Reino de Deus é como um homem que joga a semente na terra...”



Missão: sempre mobilizadora e inquietante

O tema da missão, bem como das estratégias e táticas que as igrejas têm recorrido para cumpri-la, constitui-se num assunto recorrente. Vez por outra devemos retomá-lo como medida de prudência, visto que a missão é a razão mesma de existir das comunidades de Fé.

Esta edição tenta, numa perspectiva ecumênica, efetuar um apanhado avaliativo e prospectivo por meio de algumas reflexões que introduzem questões históricas, teológicas e bíblicas a fim de enriquecer o debate missiológico, a despeito de estar longe de esgotar as temáticas.

Em quase dois mil anos de cristianismo, aspectos missiológicas continuam sendo mobilizadores e inquietantes. Os artigos introduzem, sugerem e apontam questões graves e até mesmo polêmicas; não poderia ser diferente, dada a natureza do assunto. Desde sempre ele tem provocado paixões e embates tanto no interior das agremiações eclesiásticas quanto na esfera das Ciências da Religião.

Entre os articulistas, há quem aponte para a necessidade do testemunho explícito do Evangelho apesar dos ensaios e erros até aqui cometidos. Ademais, os indícios muitas vezes desconcertantes que as Escrituras nos apresentam a propósito da tarefa evangelizadora. A par disso, há quem questione o perfil da missão num contexto de exclusão sistêmica.

Não faltam discussões mais localizadas, isto é, aquelas que dizem respeito ao evangelismo e seus protagonistas na história recente do Brasil, e um depoimento que evidencia a dificuldade das instituições eclesiásticas em comportar o pluralismo das idéias; por sinal, as mesmas instituições que desejam testemunhar uma boa-nova sem fronteiras!

CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral de
KOINONIA Presença
Ecumênica e Serviço (Rua
Santo Amaro, 129 - 22211-230,
Rio de Janeiro/RJ. Tel.
021-224-6713 e fax
021-221-3016) e do Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais - CEBEP
(Rua Rosa de Gusmão, 543 -
13073-120, Campinas/SP. Tel.
e fax 0192-41-1459).

Coordenadora da Unidade de
Comunicação de KOINONIA
Magali do Nascimento Cunha

Coordenador geral do CEBEP
Luiz Carlos Ramos

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Clóvis Pinto de Castro
Marcos Inhauser
Rafael Soares de Oliveira

Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Beatriz Araujo Martins
Jether Pereira Ramaílo
Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha

Secretaria de redação
Beatriz Araujo Martins

Fotolito e Impressão
Tipográfica Comunicação
Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 2,00

Assinatura anual
R\$ 10,00

Assinatura de apoio
R\$ 15,00

Exterior
US\$ 15.00

Os artigos assinados não
refletem necessariamente
a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral
e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens,
análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito
mais para você ficar por dentro do contexto.
Uma publicação conjunta de KOINONIA
Presença Ecumênica e Serviço
e Centro Evangélico Brasileiro de Estudos
Pastorais (CEBEP).

Assinatura anual: R\$ 10,00

Assinatura de apoio: R\$ 15,00

Exterior: US\$ 15.00

Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque
nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e
Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto
Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230,
Rio de Janeiro/RJ.

CARTAS

Escreva para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ

À direção do Contexto Pastoral,

Estou fazendo um esforço para não me privar
da leitura de CONTEXTO PASTORAL, pois
acho muito importante o esforço por um mundo
ecumênico, Igrejas que trabalhem neste sentido.
Creio que este é o caminho que realmente pode
construir a Vida.

Agradeço os números que recebi gratuitamente.
Espero contar sempre com este jornalzinho
tão importante e tão cheio de sabedoria e
amor.

Vejam de escrever as coisas novas a respeito
das mulheres. Quem sabe uma análise da carta
do Papa às mulheres pedindo desculpas. Estou
ansiosa por este assunto.

Irmã Antonia de Souza Leal
Guarabira/PB

Venho por meio desta felicitá-los pelo excelente
trabalho realizado por meio do CONTEXTO
PASTORAL. Sem dúvidas, um jornal que educa,
atualiza e insere na liderança eclesiástica es-
tímulo para buscar sempre o aprimoramento.

Expresso o desejo sincero de receber maiores
informações sobre KOINONIA, seus serviços,
cursos de formação e atualização teológica, etc.

A todos votos de progresso e paz profunda.

Ricardo Penha

Programa Educacional Social de Apoio (Proesa)
Itaguaí/RJ

Fiquei muito feliz em receber CONTEXTO
PASTORAL por analisar a importância do cres-
cimento das igrejas. Mas quero lembrar que esse
crescimento deve ser em primeiro lugar qualita-
tivo, depois orgânico e por último numérico. E
que o pastor ou obreiro local é peça principal
para se alcançar esta meta.

Quero renovar minha assinatura de apoio.
Um abraço fraternal.

Jonas F. da Silva
Fortaleza/CE

VÍDEO

Terra Molhada — uma experiência de reforma agrária

Terra Molhada — uma experiência de
reforma agrária conta a história da luta dos
trabalhadores rurais do Pólo Sindical do
Submédio São Francisco atingidos pela
Barragem de Itaparica no Rio São Francisco
(Pernambuco—Bahia) que conquistaram o
reassentamento em lotes irrigados. Numa
produção KOINONIA/Mapa Filmes e roteiro e
direção de Zelito Viana, o vídeo destaca a
situação dos projetos, mostrando o avanço e
as dificuldades de implantação.

Informações e pedidos:
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro 129, Glória
22211-230 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (021) 224-6713

UMA PUNIÇÃO SOB SUSPEITA

ENTREVISTA COM IVONE GEBARA
Paulo Roberto Salles García e Jether Ramalho

Na mira do Vaticano desde sua entrevista à revista "Veja", a teóloga católica Ivone Gebara foi "convidada" a se afastar de seu trabalho com mulheres e passar um período fora do País. A justificativa oficial dá conta da necessidade de "sanar" as falhas presentes em sua formação teológica. A história não é bem assim. Nesta entrevista, Ivone Gebara critica a falta de oportunidade para o diálogo com a hierarquia eclesiástica e sugere que Roma viva aquilo que diz.

A partir de setembro, a senhora vai passar um tempo fora do País, resultado de controvérsias com certas autoridades da Igreja Católica. O que de fato ocorreu?

Depois da entrevista que dei a "Veja", publicada em 6 de outubro de 1993, fiquei na mira do Vaticano. Como não aceitei fazer uma retração pública a pedido de d. José Cardoso Sobrinho, arcebispo de Olinda e Recife, meu caso foi para a Congregação dos Religiosos no Vaticano. Depois de muitos encontros dos responsáveis deste dicasterio romano com minha Superiora-Geral, finalmente, d. Luciano Mendes de Almeida foi indicado como mediador do meu caso. Com a abertura e a diplomacia de d. Luciano o caso foi encerrado em 1994.

Entretanto, alguns bispos descontentes com tal solução, reabriram o caso enviando outro *dossiê* à Congregação da Doutrina da Fé, liderada pelo Cardeal Ratzinger.

Para resumir este "longo livro", tive conhecimento, por um documento proveniente do Vaticano, entregue à minha Superiora-Geral, sem nenhuma assinatura, de que meu pensamento teológico não é considerado "ortodoxo". Segundo o texto não se trata mais da questão da descriminalização e legalização do aborto, mas de minha reflexão sobre Deus, sobre Jesus e sobre a Bíblia. O texto foi muito duro comigo e emitia juízos sobre minha reflexão, chegando até a afirmar que eu nem deveria ser considerada cristã.



Arquivo de Ivone Gebara

Mais uma vez, com o objetivo de encontrar saídas para essa situação embarracosa d. Luciano sugeriu que o padre Mário de França Miranda (jesuíta), desse um parecer a respeito de meu pensamento teológico, endereçado à Superiora-Geral. Esta por sua vez deveria encaminhá-lo à Congregação dos Religiosos e à Congregação da Doutrina da Fé. Vários encontros se sucederam até que, seguindo a sugestão do padre França, a solução para meu caso não era de expulsar-me da Congregação ou mesmo da Igreja, mas sim de eu ter a possibilidade de um tempo maior para estudo. Eu deveria me afastar de minhas atividades e ir para a Europa.

Que argumentos a hierarquia católica apresentou para justificar seu afastamento do Brasil?

Os argumentos usados oralmente e que me foram transmitidos por minha Superiora-Geral se baseavam no fato de que meu pensamento estava cheio de imprecisões, e, sendo eu uma "boa pessoa", segundo as informações que receberam, deveria ter a oportunidade de anar as falhas presentes em minha formação teológica. Entretanto, essa atitude de afastar-me de minhas atividades e obrigar-me a estudar deveria ser tomada por minha própria Congregação. Parecia claro que o Vaticano se apresentava como a "eminência parda" de meu julgamento. Quem deve executar as ordens é minha Congregação (Irmãs de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho), embora esta nunca tenha me acusado de nada. Vivo nela há mais de 25 anos com muito respeito e alegria. Aliás, é particularmente por respeito a minha Congregação que acolho, neste momento, o pedido de minha Superiora Geral para me ausentar um tempo do Brasil.

Como a senhora encara esses argumentos?

Segundo minha maneira de ver, o Vaticano não quer aparecer como juiz neste caso, embora o seja. Isto para mim é uma atitude que denota os limites da Instituição hierárquica e patriarcal. Não se chama para o diálogo. Bus-

cam-se subterfúgios para se efetuar uma "condenação branca".

Eu nunca tive o direito de me explicar diretamente. Os métodos diretos não fazem parte deste modelo de Instituição, sobretudo quando se trata de acusações feitas a uma mulher.

Seu afastamento tem o mesmo teor daquele dirigido a Leonardo Boff? Foram as suas posições diante da participação da mulher na Igreja e da questão da sexualidade que mais questionaram as posições de Roma?

Creio que meu caso tem semelhanças com o de Leonardo Boff, mas também é bastante diferente.

Nos dois casos a falta de liberdade de expressão imposta pelo Vaticano é clara. Entretanto, o momento histórico da condenação de Boff era um e o meu é outro. O momento de Boff era o momento do auge da Teologia da Libertação e o Vaticano estava se definindo claramente a respeito. Além disso, o nome de Boff, conhecido internacionalmente, congregou de todas as partes do mundo teológico, acadêmico, das pastorais, reações de repúdio às atitudes do Vaticano. Mesmo alguns bispos tomaram posição de apoio a Leonardo. No meu caso, o momento é outro, as questões são outras e minha pessoa é outra. Falo do direito das mulheres, falo do direito de seus corpos, dos direitos reprodutivos, crítico a instituição patriarcal e sua base antropocêntrica. Insisto para que se tome a experiência das pessoas e grupos como ponto de partida para a elaboração teológica... Minha "obra" é mais oral do que escrita. Por isso, algumas pessoas até se encarregaram de gravar minhas aulas e mandar para o Vaticano.

O fato de ser mulher, freira, feminista, levantando bandeiras proibidas muda muito, não só o tipo de punição, mas o tipo de solidariedade que eventualmente se possa receber.

Como o trabalho que a senhora desenvolve e suas reflexões teológicas ficarão, temporariamente, sem sua presença?

Tenho avisado os diferentes grupos com os quais assumi um compromisso de trabalho da impossibilidade de cumprir o combinado. Tanto para esses grupos quanto para mim isto significa a necessidade de reorganizar as agendas, encontrar outras pessoas ou mesmo anular compromissos. Isto nos enche de tristeza e até de ira.

É interessante perceber que tem novas pessoas querendo assumir esta li-

nha de pensamento e ação e isto me deixa alegre e confiante. No fundo existe um consenso comunitário, particularmente entre grupos feministas de diferentes partes do mundo de que o "Espírito está sobre nós" e, o que buscamos é "para que todos(as) tenham vida em abundância".

Apesar de ser ainda cedo para fazer algum planejamento, quais são seus planos quando de volta ao Brasil?

Não tenho nada pensado para a minha volta. Ainda nem fui... Apenas espero poder continuar dialogando com os diferentes grupos com os quais tenho compromisso. Quero continuar a escrever, dar cursos, enfim seguir o que estou fazendo hoje.

Se aparecerem outras possibilidades, procurarei refletir com carinho sobre elas. Estou aberta aos previstos e imprevistos da vida.

Diante de circunstâncias adversas como essa, a senhora, em algum momento, pensou em abandonar a Igreja? O que a motiva a manter-se firme na caminhada de solidariedade e de anúncio do Reino de Deus?

Nunca pensei seriamente em abandonar a Igreja. A Igreja para mim é mais do que a hierarquia patriarcal que se auto-atribui o poder religioso e o justifica como vindo de Jesus. A Igreja é a comunidade de irmãs e irmãos inspirados pela sabedoria, pelo não-dogmatismo, pela misericórdia e ternura de Jesus. E, essa comunidade ampla não quero deixar e ela não quer que eu a deixe. Quanto à hierarquia eclesiástica, creio que ela deve passar por um caminho de viver aquilo que diz à sociedade civil e política. Democracia e respeito são palavras muito usadas na linguagem clerical, mas é sempre para os "outros". Penso que já está mais do que na hora de rever o que dizemos e o que fazemos.

Mantenho-me nesta caminhada por causa de minha fé, por causa de minha esperança... Gosto de dizer que "Deus é minha esperança". Deus é uma palavra aberta, imprevisível, múltipla, sem limites... Minha esperança não está "nos carros e cavaleiros", nem "nos altares e nos tronos"... nem na ortodoxia dogmática. Minha esperança está no amor que congrega, que partilha, que atrai... para além de toda esperança. E nessa esperança existe muita gente se dando as mãos, se sustentando, me sustentando... Graças a Deus!

"Vinde, vede e anunciai"

Tendo como lema "O Evangelho nas culturas — caminho de vida e esperança", aconteceu em Belo Horizonte (MG), de 18 a 23 de julho, o 5º Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA V), promovido pelas Pontifícias Obras Missionárias e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Cerca de três mil delegados, entre os quais oitocentos leigos, de todos os recantos da América Latina e do Caribe e mais dezenas de representantes de outros continentes, sob a presidência de dom Lucas Moreira Neves, cardeal-príncipe do Brasil e presidente da CNBB, discutiram novas pistas para a missão da Igreja Romano-Católica na América Latina. Representantes de algumas igrejas do Protestantismo Histórico também participaram testemunhando, solidarizando-se e acompanhando a decisão da Igreja Católica Romana da América Latina de vivenciar o Evangelho nas várias e diferenciadas expressões culturais do Continente. O bispo metodista Stanley da Silva Moraes, primeiro vice-presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), foi um dos coordenadores do bloco temático "Ecumenismo, diálogo interreligioso e missão".

Ao discutir sobre missão, o COMLA V foi enfático em proclamar a dimensão ecumênica como essencial para o testemunho da Igreja Cristã. As atenções se voltam agora para Salvador (BA), onde, em novembro do ano que vem, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) realizará a Conferência Mundial sobre Missão, também voltada para a temática Evangelho e Cultura.

Presidente do CLAI defende demarcação de terras indígenas

O presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), o pastor luterano Walter Altmann, enviou carta ao presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, e ao Supremo Tribunal

Federal pedindo a manutenção do decreto nº 22/1991 que trata da demarcação das terras indígenas. Segundo interpretação de Nelson Jobim, o decreto é inconstitucional porque não dá o direito para que os invasores de terras indígenas se defendam e contestem as demarcações dessas áreas.

"É extremamente preocupante o fato de que um governo, sabidamente ativo em tantas áreas, não tenha efetuado em seis meses de governo nenhuma nova demarcação de área indígena e, ao contrário, ainda manifeste seu desejo de revisar aquelas áreas que, com muitas dificuldades, mas em respeito a um preceito constitucional e a um anseio da população, foram já demarcadas", assinala Altmann.

O presidente do Clai espera que os órgãos competentes do Estado brasileiro "finalmente cumpram, ainda que tardivamente, seu dever constitucional de demarcar todas as terras indígenas, como estabelecido pela Constituição Federal de 1988". (ALC)

Teólogo protestante analisa encíclica sobre ecumenismo

O teólogo metodista argentino, José Miguez Bonino, afirmou que a última encíclica papal "Ut unum sint" ("Para que todos sejam um") é uma expressão da vontade de unidade do líder católico, embora ela reafime alguns elementos que limitam as possibilidades de diálogo com as igrejas não-católicas.

Único observador protestante no Concílio Vaticano II, Bonino apontou vários aspectos "problemáticos" da encíclica. Em primeiro lugar, manifestou, o documento ignora as mudanças produzidas no campo religioso. Segundo ele, "há uma gama muito ampla de novos movimentos religiosos, inclusive dentro do cristianismo, de modo que não podemos reduzir o ecumenismo às relações entre vinte igrejas universais organizadas". Ele acrescenta que "é necessário ter em conta um panorama religioso muito mais amplo, variado e dinâmico".

O líder protestante também entendeu como problemática a "centralidade do ministério

ESPAÇO DO LIVRO

Palavra e silêncio

"A característica da solidão é o silêncio, como a palavra é a característica da comunhão. Silêncio e palavra estão na mesma relação íntima e na mesma distinção como solidão e comunhão. Essa não existe sem aquela". Assim expressou o teólogo Dietrich Bonhoeffer em seu livro "Vida em comunhão". Bonhoeffer, morto há exatos 50 anos pelo regime nazista alemão, ainda acrescenta que "da mesma forma como o dia do cristão reserva horas para a palavra, em especial para o tempo de devoção e oração em conjunto, precisa também certos períodos de silêncio sob e a partir da Palavra".

Durante a difícil época da Segunda Guerra Mundial, Bonhoeffer fora por algum tempo diretor de um seminário teológico na Alemanha. Foi para os estudantes daquele seminário que ele escreveu "Vida em comunhão". É uma proposta evangélica para a vida cotidiana do cristão. Pontos altos do livro são a libertação total do homem e a aceitação irrestrita do semelhante.

Dica de leitura:

Vida em comunhão
Dietrich Bonhoeffer
2ª edição, Editora Sinodal, 1986,
85 páginas

petrino", bem como o fato de que a "América Latina não apareça em absoluto no documento". Essa ausência confirma "a renúncia papal a um ecumenismo mais profundo" no Continente, já que João Paulo II vê a América Latina como uma região basicamente católica. (ALC) [Leia, nesta edição, análise sobre a encíclica papal. Página 11]

Curso de Verão tem vagas até 15 de agosto

Estão abertas até 15 de agosto as inscrições para o Curso de Verão 96, promovido pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), e que vai acontecer em São Paulo na segunda quinzena de janeiro de 96.

Como faz todos os anos, o curso destina-se, de modo especial, a leigos, jovens e pessoas comprometidas na pastoral e nos movimentos populares, seja como agentes de pastoral, animadores ou dirigentes de comunidades. O objetivo é oferecer uma formação que parte das interrogações e experiências dos participantes no seu trabalho pastoral e na sua militância social, política e cultural, bem como um espaço de intercâmbio de experiências entre participantes das várias igrejas e regiões do País.

Informações sobre o evento, que tem caráter ecumônico, podem ser obtidas no Cesep: Rua Professor Sebastião Soa-

res de Faria, 57, 6º andar, São Paulo, tel: (011) 284-6299 e fax: (011) 284-6220.

Presidente da IPB critica política neoliberal do governo

Numa contundente carta aberta ao presidente da República, senadores e deputados federais, o presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), o pastor Guilhermino Cunha, criticou a política neoliberalizante do governo Fernando Henrique Cardoso. Segundo ele, os interesses internacionais sobre o Brasil, especialmente os dos fortes grupos econômicos, não são os do povo brasileiro. "Só não enxerga quem não quer", assinalou.

O pastor alertou para o fato de que o neoliberalismo "vai se mostrar ser uma falácia para

↓

os países em desenvolvimento". Na opinião de Guilhermino Cunha, ele é bom para os países ricos e para as economias fortes, enquanto é prejudicial para os mais desfavorecidos:

— Os ricos cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres, como diz o velho axioma — ressaltou. "O bem-estar individual, o bem comum, onde ficam?", desafiou.

Depois de criticar as mudanças ocorridas na Constituição no que se refere ao conceito de empresa brasileira, de lei de patentes e à abertura ao capital estrangeiro para a exploração do subsolo brasileiro, bem como os juros e os serviços da dívida externa, o presidente do Supremo Concílio fez um apelo: "Assumam o poder e liderem o Brasil".

Conferência avalia últimos 50 anos de cristianismo

Fazer um balanço dos últimos cinqüenta anos da trajetória das igrejas cristãs (católica e protestantes) foi o objetivo que norteou a 2ª Conferência Geral da História da Igreja na América Latina e Caribe, realizada de 24 a 28 de julho em São Paulo. Uma parte da conferência foi destinada à análise das mudanças ocorridas nos estudos acadêmicos sobre religião. Os debates se deram a partir de 14 temas, entre os quais mulheres nas igrejas, novas religiões, teologias latino-americanas, culturas indígenas e a posição da Igreja nos Estados autoritários. Na próxima edição de CONTEXTO PASTORAL, reportagem completa sobre o evento.



"O bem-estar individual, o bem comum, onde ficam?"

Crendo mesmo, compartilhando sempre

DESAFIOS E ATUALIDADE DO EVANGELISMO

Robinson Cavalcanti

Qualquer proposta (seja idéia ou produto) tem que ser criada, com um mínimo de convicção, e compartilhada com um mínimo de entusiasmo, para que possa ter a mínima chance de ser aceita por outrem. O Cristianismo primitivo tipificava essa realidade:

Havia uma clareza quanto ao *conteúdo* da mensagem: as "Boas Novas";

Havia uma *firme convicção*, uma adesão pessoal, existencial, a esse conteúdo como *revelação* de Deus;

Havia um *inquestionável* objetivo de compartilhar essa mensagem, criada como verdadeira e relevante, a outrem, a todas as pessoas... "até os confins da terra". Esse processo seria chamado de *evangelismo*: a comunicação das Boas Novas, do Evangelho;

Havia uma disposição de se ir às *últimas consequências* nessa tarefa de disseminação da fé: ruptura de laços familiares, marginalização social, exílio, prisão, morte. A mensagem era tão importante que valia a pena morrer por ela: o martírio.

Homens e mulheres comuns, de diversas etnias, e diversos quanto ao nível de instrução ou estrato social "vestiram a camisa" do Evangelho e "foram fundo". Enfrentaram as condições mais adversas, mas, em uma geração, conseguiram disseminar o Cristianismo nos quatro cantos do Império Romano. A saga dos Nestorianos, nos primeiros séculos é exemplar desse "pique": chegaram à Índia e à China.

A propaganda da fé foi marcada por uma ampla diversidade metodológica, por um tremendo senso de oportunidade (e de urgência) e por uma clara inclusão do transcendente: sinais, prodígios e milagres estavam incluídos na conta.

Evangelismo bélico

O crescimento numérico e geográfico da nova fé se constituiu, simultaneamente, em seu êxito e em seu fracasso, num processo ambíguo e problemático:

I. Institucionalismo: o organismo vai virando organização, com profissionais, burocracia, cânones, luta por poder, firma reconhecida, retratos 3x4, etc.

II. Fracionamento: católicos, mas não tanto. Surgem as várias "tendências": monofisitas e ortodoxos, bizantinos e latinos, etc.

III. Autoritarismo: a eclesia, a assembleia dos irmãos, que partilham

crenças, ideais e sentimentos, com simplicidade, vai tomando a forma do Império Romano, com seu Imperador, seu Senado e seus Cônsules;

IV. Civilizacionismo: a fé dos simples chega ao poder, se torna religião de Estado. Dos escombros dos bárbaros ergue uma civilização, que a deixa esgotada. Fé = Cultura = Estado = Civilização. Ou seja, Evangelismo = Nascimento = Cultura. Evangelismo + Evangelização: Civilização. Uma fé com fronteiras.

Os "mares nunca dantes navegados" serão navegados ("navegar é preciso") e os novos bárbaros (os nativos) aceitarão a fé pelo argumento das armas dos reis católicos, pela pregação das espadas.

Das masmorras aos palácios. Do martírio à martirização. Seria essa a vitória do "pálido" galileu?

Fé ocidental

Movimentos de retorno às origens nunca faltaram, ingênuos, extremados, reprimidos, de escasso impacto. As marteladas de Wittemberg se fazem ouvir, mas os camponeses são dizimados. A soberania de Deus é anunciada em Genebra, enquanto Servet arde na fogueira. A Bíblia traduzida na linguagem dos anglos, enquanto Henrique VIII casava-se e dava-se em casamentos.

Os Redescobridores da *Sola Gratia* não tinham a visão de compartilhá-la. Para muitas regiões a fé não é propagada, mas emigra.

Depois, as instituições serão sacudidas por um novo e ardente entusiasmo pelos "perdidos". Com os *avivamentos* o Pentecostes vai sendo revalorizado, e a Grande Comissão, o Evangelismo, outra vez levados a sério. Com o ciclo das Missões Mundiais o Protestantismo se torna mais católico, mais universal.

As epopeias e os heroísmos vivenciam, também, a ambigüidade do religiosamente libertário e do culturalmente etnicida. A sinceridade não discernida dos missionários montara um *kit*, um pacote indissociável: a cruz e o crucificado capitalismo, a catolicidade e o imperialismo, a Nova Jerusalém e a Nova Roma, a família da fé e a família burguesa.

Divulgando a "des-crença"?

O racionalismo, por sua vez, procura destronar o sagrado. A razão coloca o homem no centro do universo. Radicaliza-se o imanente. Inaugura-se a civiliza-

ção secular, antropocêntrica. Deus vira conceito e premissa descartável, a religião mero fenômeno sociológico, o Cristo de Deus (se existe) é separado do Jesus Histórico (se existiu), a *Torah*, do "assim diz o Senhor" é reduzida a estória-sem-quadrinhos dos semitas.

O inferno é esvaziado, os demônios anistiados, Satanás aposentado. Os inexistentes milagres atestam, quando criados, indigência intelectual. Secularismo e Universalismo, "Um Deus sem ira, um Cristo sem cruz e um homem sem pecado". Uma religião sem fé e sem mística.

Sem salvação (porque não há perdição) e sem resultados (porque não há milagres) resta a libertação infra-histórica. Seremos como deuses, porque construiremos, nós mesmos, o Paraíso.

"Céticos de todo o mundo unam-nos. Compartilhemos dominicalmente, com piedade, as nossas dúvidas. Coloquemos nossos bens e nossas vidas a serviço da missão de levar nossas descrenças a todo o mundo!".

Templos esvaziados, cheirando ao mofo, igrejas-museus, congregações geriátricas. Crise nas ideologias ("religiões secundares"). Misticismos, fundamentalismos, orientalismos. Nova Jerusalém ou Nova Era? Nem Marx, nem Amway. Fome espiritual.

A volta da cruz

A Pós-Modernidade, cada vez mais "Pós", não se sabe para onde, "re-encanta" e "re-sacraliza" o mundo, em um ampliadíssimo cardápio de religiões e fé para todos os gostos, esotéricos e auto-ajudantes. Nova Idade Média ou primeira Civilização Plural da História? O Cristianismo desafia, salga e ilumina os novos tempos ou adquire o seu sabor, místico, individualista, extremista?

Não cristãos-de-arroz, cristãos-ao-fio-da-espada, cristãos-da-lavagem-cerebral, cristãos-do-paletó, cristãos-do-medo, mas cristãos-cristãos. Importa renascer. Pecados perdoados, novas criaturas: cavigosa e anacrônica babá-quice? Ou redescoberta do absurdamente óbvio: o porquê dos mártires.

Se o caminho não é a alienação mística, nem o ceticismo, raquítico e frio, intolerante, "des-esperançado" e "des-norteado" (e "des-norteador"), restam a hipótese do Caminho, Verdade e Vida, sem o qual ninguém vai ao Pai.

Desde o Congresso Internacional de

Evangelismo (Berlim, 1966), passando pelo Congresso de Lausanne (1974), aterrando neste continente pela Fraternidade Teológica Latino-Americana, a concepção de um Evangelismo ligado a uma *Missão Integral* e a uma *Espiritualidade Integral* tem-se antecipado à "re-integração" do plural homem pós-moderno, maior do que a razão, multidimensional.

Mas, o que fazer sem gente? Só crendo se transmite crença e se atrai gente, senão seremos tragados pelos concorrentes que acreditam (como o Islã).

Escreve, recentemente, John Stott: "O Evangelho, em sua essência, não muda. Sempre e em qualquer lugar diz respeito à morte e ressurreição de Jesus Cristo, história e realização, junto com a oferta de uma nova vida no Espírito e um convite para arrependimento e crença. Embora reconheçamos que a nossa apresentação do Evangelho é muitas vezes culturalmente inapropriada, intelectualmente confusa e espiritualmente estéril. Cada nova geração de cristãos tem de recuperar e 're-explicar' o Evangelho, lidar no seu próprio contexto com os desafios contemporâneos ao Evangelho, proclamá-lo de uma maneira inteligível para a cultura local... buscando vencer, por argumentos, a verdade do Evangelho contra os seus competidores e rivais".

O Evangelismo transmite uma religião de salvação, de libertação e de resultados, uma mensagem revelada e universal. O Evangelismo não pode ser um arriscado privilégio dos culturalmente ocidentais e economicamente capitalistas, dos anti-intelectuais e dos alienados. O compromisso com os valores do Reino não nos exime da adoração, da humildade diante do texto, da inocência diante dos sinais e prodígios.

Se não estamos brincando de religião (ou vivendo dela), se cremos na cruz como verdade, está na hora de compartilharmos nossa conversão (ou de nos convertermos), levando essa experiência única a todos os pobres de espírito. Chocante, mas não é que funciona!...

Robinson Cavalcanti, ministro anglicano e cientista político. Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Evangelização e ecumenismo: uma contradição?

Paulo Roberto Garcia

O cristianismo moderno se autodefine como missionário. É comum falar-se sobre as grandes épocas missionárias que marcaram, nos mais diversos continentes, a história de diferentes denominações cristãs. Contudo, como encarar essa autodefinição moderna, diante da busca de uma fé que seja também ecumênica?

Para responder a essa questão vamos, em um primeiro momento, abordar vários textos nos evangelhos — alguns dos quais servem de base para a nossa pregação missionária — comparando com outros dos mesmos evangelhos que apontam leituras divergentes. Em um segundo momento estaremos problematizando esses textos para, a seguir, apontar desafios para o tema.

Todos os textos abordados remontam à prática de Jesus. Contudo, não os estamos considerando como biografia descritiva da prática do Jesus histórico mas como memória das comunidades. Desse modo, cada texto acaba por conter dois níveis: a memória acerca de Jesus que as primeiras comunidades cristãs guardaram; e a releitura dessa memória à luz de seu contexto. Com isso, vamos questionar se o objetivo de “ganhar almas” para a igreja cristã já era uma característica do movimento de Jesus.

Olhando a Bíblia

O evangelho de Marcos

Vamos iniciar com Marcos por uma opção cronológica. Este evangelho foi o primeiro a ser escrito. Nele queremos destacar dois textos: Mc 9.38-41 e Mc 4.1-34 (destacadamente 4.11).

“... quem não é contra nós, é por nós” (Mc 9.38-41)

Esse famoso texto é por excelência contraditório. O problema que ele aborda é sobre um “não-discípulo” (alguém de fora do círculo dos batizados) que expulsava demônios em nome de Jesus.

As posições são divididas. Os discípulos proíbem o não-discípulo de persistir nessa prática, enquanto Jesus já aparece como alguém que não está preso a essas limitações. Quem não é inimigo é aliado.

Nesse texto a prática é mais importante que o pertencer à comunidade de fé. Isso apontaria para uma fé que en-

contra o próximo na prática e não na confessionalidade.

“... para que não venham a converter-se” (Mc 4.11)

Na leitura do texto anterior, encontramos uma atitude mais aberta para reconhecer o outro pela sua prática. Contudo, nesse segundo texto temos uma postura antagônica. Para explicar a preferência de Jesus pelas parábolas, o texto apresenta uma tese no mínimo surpreendente. As parábolas serviam, segundo o texto, para ensinar sobre o Reino de Deus aos participantes da comunidade cristã e, ao mesmo tempo, para

explicada pela situação apocalíptica da comunidade. Ante a situação adversa que a comunidade vivia, o tempo da conversão havia-se esgotado. Ao mesmo tempo, percebemos, nos textos de Marcos, que não há uma preocupação “missionária” de ganhar adeptos.

O evangelho de Mateus

Mateus e Lucas correspondem a um mesmo período histórico, embora com características diferentes. Optamos por Mateus por seu caráter missionário e porque oferece, com isso, subsídios à nossa discussão.

Percebemos certa tensão entre uma perspectiva mais aberta, ligada à unidade em torno da prática ou dos valores do Reino, e outra mais eclesiástica, ligada à valorização da unidade e do crescimento das comunidades locais

que vimos acima, apresenta uma discussão de Jesus com as autoridades religiosas. Elas acusavam-no de enviado de Satanás e Jesus argumenta contra elas e proferiu tal frase contundente.

Nesse contexto, poderíamos apontar uma característica marcante de Mateus, que é a visão missionária e eclesiástica, ou seja, a salvação está vinculada ao pertencer à comunidade cristã. Quem não é por Jesus é contra ele.

Contudo, vale a pena olharmos mais um texto de Mateus.

“... sempre que o fizeste a um destes meus pequeninos irmãos a mim o fizeste” (Mt 25.31-46)

Esse texto sugere uma compreensão diferente das anteriores. Aqui encontramos o julgamento das nações (v.32). Alguns autores preferirão apontar como julgamento da Igreja (pois todos chamam a Cristo de Senhor — *Kyrios*); contudo, o texto mostra que as nações serão reunidas na presença dele para julgamento.

O grande problema é que o critério de julgamento não é o da confissão de fé mas o da prática da justiça de Deus em favor dos pequeninos. Com isso, o caráter missionário de Mateus é posto em xeque. Como fechar as fronteiras da união com Cristo na comunidade de (“quem não é por mim...”) e, logo depois, apontar como critério de julgamento divino a prática da justiça?

O evangelho de João

Já estamos no fim do primeiro século. Como se dará a reapropriação da memória de Jesus nesse período em se tratando do contexto missionário?



Nossa pregação deve levar pessoas a um compromisso com os valores do Reino

confundir os de fora da comunidade, de tal forma que ouvindo não compreendessem. Com isso se evitaria que, por meio da compreensão, viessem a se converter.

O objetivo desse esforço contra a conversão era basicamente para que não houvesse perdão para os que não faziam parte da comunidade. A máxima aqui era: não pregar para não salvar. Nesse texto, a perspectiva missionária do cristianismo não existe. Devemos reconhecer que mais no final do capítulo há uma correção em que vai-se afirmar que Jesus ensinava por parábolas de tal modo que os ouvintes pudessem entender (4.33). O problema é que, em vez de corrigir, isso torna ainda mais gritante essa postura.

Essa posição anticonversão pode ser

A grande comissão (Mt 28.18-20)

O evangelho de Mateus registra em 28.18-20 aquilo que, no mundo protestante, acostumou-se a chamar de “a grande comissão”. Nele encontramos como ordenança de Cristo o desafio aos seus seguidores de irem para: a) fazer discípulos de todas as nações; b) batizar em nome da trindade; e c) ensinar a guardar os ensinamentos de Cristo.

Nesse texto, o cristianismo pode ser entendido como um movimento religioso em expansão. Isso nos apontaria uma característica do que poderíamos chamar de missionária.

“... quem não é por mim, é contra mim” (Mt 9.22-32)

Esse texto, antítese do texto de Marcos

“... quereis também vós outros retirar-vos?” (Jo 6.41-71)

Essa frase é usada durante uma discussão entre Jesus e seus discípulos. A ênfase do texto está na dureza do discurso de Jesus e no esvaziamento do movimento. Diante desse esvaziamento, o texto apresenta Jesus indagando aos doze sobre a preferência deles, se eles não queriam ir embora também. Aqui Jesus não aparece com uma característica missionária; muito pelo contrário, ele é um profeta, e como tal não busca o crescimento do movimento mas a fidelidade à Sua missão. Esse versículo poderia nos levar a afirmar que João é um evangelho profético, sem uma ênfase na comunidade e sim nos princípios cristãos. Será uma realidade essa interpretação? Isso é o que veremos no próximo texto.

A perspectiva de “crescimento” que se encontra nos evangelhos tem mais ligação, durante o movimento de Jesus, com o crescimento do Reino do que com o crescimento da “igreja”

“... ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6)

Esse é outro texto clássico na pregação do cristianismo missionário e que complica a discussão ecumênica. Se Jesus é “o” caminho, “a” verdade e “a” vida, ou seja, único acesso ao Pai, o ecumenismo se esgota na relação com as igrejas cristãs. Até o judaísmo (religião de Jesus) está fora da possibilidade de diálogo.

Contudo, o texto tem de ser visto de uma forma cuidadosa. Não podemos esquecer que o evangelho de João, em sua fase final de redação, reflete os problemas da comunidade. Esta enfrentava um problema de relacionamento interno (com aqueles que serão descritos em I João 2.19 como os que “saíram de nosso meio, entretanto não eram nossos...”) e externo (com as autoridades religiosas da época). Isso reforçou a tendência exclusivista do evangelho de João.

Em vista disso, mesmo o texto anterior — a memória profética — ganha nova conotação: serve para mandar embora quem não concorda com os princípios da comunidade.

Percebemos, pois, uma tensão nos evangelhos entre uma perspectiva mais aberta, ligada à unidade em torno da prática ou dos valores do Reino — resquícios do movimento de Jesus — e ou-

tra mais eclesiástica, ligada à valorização da unidade e do crescimento das comunidades locais. Tal tensão aponta uma característica do movimento (o caráter profético que se mantém na memória das comunidades) relida à luz da formação e da consolidação das comunidades locais. Por isso, quanto mais distante do evento fundante — o movimento de Jesus — mais eclesiástico se torna o cristianismo.

Pensando sobre a Bíblia

Diante dessas posturas antagônicas, somos levados a reconhecer que não podemos esperar encontrar na Bíblia uma resposta absoluta. O que é possível fazer é problematizar essas posições a fim de buscar pistas para a prática cristã de hoje.

Qual o sentido missionário e evangelizante do cristianismo?

Não podemos nos esquecer de que o cristianismo não nasce como uma alternativa religiosa autônoma, antes é um movimento que surge dentro do judaísmo com intenção de renová-lo. Desse modo, o cristianismo, como movimento, mais precisamente movimento de Jesus, busca seguidores de um ideal para a religião judaica. Assim, a busca de adeptos está ligada à busca de pessoas que assumam um novo conceito do viver sua fé no mundo. Com isso, os textos que guardam a memória de um Jesus profeta, com preocupação maior na fidelidade à missão do que com o número de adeptos, registra uma tendência desse movimento.

A perspectiva de “crescimento” (palavra-chave do cristianismo hoje) que se encontra nos evangelhos tem mais ligação, durante o movimento de Jesus, com o crescimento do Reino do que com o crescimento da “igreja”.

Como essa característica foi assumida pelas comunidades primitivas?
Encontramos posturas distintas no Novo Testamento acerca das características organizacionais e missionárias das comunidades primitivas. No cristianismo paulino, observamos sinais da preocupação com a formação de comunidades. Paulo é um fundador e animador de comunidades, as quais se estabelecem com relativa autonomia em relação ao judaísmo e às tradições de Jerusalém. Nesse cristianismo há preocupação com a evangelização.

Paralelamente a essa busca no mundo helênico em fundar comunidades, desenvolve-se em Jerusalém uma experiência religiosa distinta. Lá surge uma “comunidade do Reino”, ligada aos apóstolos, que continua vinculada ao judaísmo, ao Templo, realizando as práticas e guardando os costumes judaicos, mas tendo como elemento dife-

Missão, evangelização e crescimento da Igreja encontram seu espaço na liberdade individual da opção religiosa

renciador a sua vida comunitária. É uma comunidade solidária, de partilha de bens, que não evangeliza, o Senhor “acrescenta” os que vão sendo salvos.

Como conjugar posições antagônicas?

Na leitura dos textos anteriores e nas pistas rascunhadas acima poderíamos apontar dois caminhos distintos. Um, afirmando que o movimento de Jesus não tinha o objetivo de fundar comunidade religiosa, mas sim de viver, de modo radical, a fidelidade ao Reino. Outro, afirmando que as comunidades primitivas, na continuidade da pregação de Jesus após a morte/ressurreição/ascensão, tinham duas características distintas: em Jerusalém, na formação de uma comunidade solidária cristã-judaica; no mundo helênico, na formação de comunidades com crescente autonomia do judaísmo e com ênfase na multiplicação de comunidades.

Com isso, poderíamos dizer que o cristianismo nascente é profético, enquanto sistema de convicções, e com perspectivas missionárias (no plural) distintas, na medida em que elas correspondem a contextos diferenciados. Isso explicaria a diferença de ênfases nos textos bíblicos. Percebemos ainda que a ênfase exclusivista do cristianismo é um fenômeno tardio, que ganha contornos mais definitivos no final do primeiro século.

Olhando para nossa prática

Com tudo isso, podemos relativizar um pouco o absoluto missionário da igreja cristã questionando-o.

Sobre a profecia

Onde se dá o caráter profético do cristianismo em meio à ênfase missionária? É comum colocarmos a marca profética no anúncio da perdição daquele ou daquela que não aceitar a nossa pregação. Só que a nossa pregação não quer, nos moldes da pregação de Jesus, levar pessoas a um compromisso com o Reino, antes, quer levá-las a assumirem um compromisso com a nossa Igreja. O fermento do Reino em nosso mundo é a igreja? O Reino se resume a essa estrutura clerical?

Aqui temos um paradigma interessante para o diálogo ecumônico: encontrar o ponto de interseção do diálogo nos valores do Reino e não no sistema de valores e dogmas eclesiológicos.

Sobre a solidariedade e a caridade
Na busca do estabelecimento do diálogo em torno dos valores do Reino, encontramos espaço para a manifestação de princípios fundantes do cristianismo: solidariedade e caridade (amor).

Sobre a missão

Nesse aspecto, a missão pode ser compreendida sob dois prismas distintos e, também, sob perguntas inquietantes. Em primeiro lugar, missão e evangelização — que, para escândalo de muitos, estamos usando como sinônimo/complemento — seria a propagação dos valores do Reino e a conquista de união ecumônica em torno desses valores, de tal forma que acima dos dogmas eclesiológicos seja priorizado o Reino.

Em segundo lugar, missão, evangelização e crescimento da Igreja encontram seu espaço na liberdade individual da opção religiosa. Aqueles e aquelas sem vinculação e compromisso religioso (que, diga-se de passagem, constituem uma parcela significativa da população) têm o direito à “conversão”, ou seja, a optar por valores que dêem sentido a sua existência.

Finalmente, como pergunta provocativa, devemos perguntar se o cristianismo, que tem como característica fundante sua vinculação à casa (*oikos*), ou seja, é uma fé comunitária/familiar, é uma religião de massa.

Fraternidade, solidariedade e amor só podem se consolidar em relações que se estabeleçam no paradigma casa/família. Religião de massa é antítese desse cristianismo fraterno. Isso coloca outro paradigma para o problema da evangelização: Até que ponto é possível buscar um crescimento da comunidade sem perder os vínculos fraternos que caracterizam o cristianismo?

Podemos, portanto, apontar a possibilidade de viver uma fé ecumônica dentro do cristianismo. A busca dos valores do Reino em união/unidade é um princípio fundante do cristianismo. Os textos bíblicos que apontam o exclusivismo do cristianismo aparecem como fruto da caminhada das comunidades do primeiro século e de seu enfrentamento ao contexto em que viviam. Com isso, eles não devem ser desvalorizados, contudo não podem ser dogmatizados sem uma ponderação crítica.

O cristianismo, com suas características fundantes, é um desafio permanente à busca de fidelidade ao Reino e à abertura ao próximo/irmão entendendo-o como aquele que vive os valores do Reino. A missão do cristianismo, nessa perspectiva, pode ser entendida como o desafio de anunciar/viver, de forma ecumônica, esses valores.

Paulo Roberto Garcia, bíblista e pastor metodista, é diretor acadêmico da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (São Bernardo do Campo/SP).

Missões de fé e evangelismo

SOBRE AS CONTRADIÇÕES DAS PARAECLESIÁSTICAS NO BRASIL

Luiz Longuini Neto

Minha "turma" de estudantes de teologia no vetusto casarão da Avenida Brasil 1.200, em Campinas, SP, Seminário Presbiteriano do Sul (SPS), lá pelos idos de 1977, era composta de aproximadamente quarenta alunos. No início das aulas percebia-se um clima tenso, especialmente quando os professores falavam de um "mal" que estava assolando as igrejas, em especial a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB): "as paraeclesiásticas". Não sabíamos ao certo o que significava este palavrão: "paraeclesiásticas".

A tensão aumentou quando os lentes ressolveram relacionar os malefícios de tais instituições e "dar nomes aos bois". Mais da metade da "turma" sentiu-se ofendida e passou a defender esse negócio chamado "as paraeclesiásticas" e com uma elevada dose de razão. A simpatia pelas paraeclesiásticas originava-se única e simplesmente no fato de que quase todos haviam sido "convertidos" ou "chamados" para o santo ministério da Palavra não por intermédio do ministério "tradicional" da IPB e sim pelo trabalho dessas paraeclesiásticas que tanto mal estavam fazendo à igreja. Muitos deles até haviam já trabalhado como obreiros dessas instituições: Mocidade para Cristo (MPC), Aliança Bíblica Universitária (ABU), Palavra da Vida, Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, a versão tupiniquim Jovens da Verdade e o conjunto musical Vencedores por Cristo. (Cito apenas as paraeclesiásticas na minha "turma" do seminário em 1977. O presente artigo analisa o fenômeno "paraeclesiástico" em geral. Neste caso poderíamos enumerar uma quantidade quase infinitável de instituições paraeclesiásticas.)

Esse fenômeno não atingiu apenas a IPB, mas o Protestantismo brasileiro de maneira geral e em especial a partir do golpe militar de 1964. O conflito entre as paraeclesiásticas e a igreja pode ser analisado em vários níveis. Não é nosso objetivo fazer essa análise em profundidade, mas tomar como ponto de partida a contradição primeira ou fundante que reside no fato de as igrejas entenderem que uma instituição paraeclesiástica deve ser o que o nome diz: "para-eclesiástica", isto é, uma ajuda para a igreja, ou seja, uma "para" e "pró" Igreja. Na maioria das vezes, e por motivos históricos, desde oascimento e trabalho das "missões de fé" em outros países, as paraeclesiásticas nunca se entenderam como tal. Organizam-se fora dos quadros institucionais

ou hierárquicos das igrejas, possuem administração própria, fazem um planejamento próprio para o trabalho, mas buscam nas igrejas o seu quadro de funcionários e o dinheiro para a sua "missão".

Tendo como ponto de partida essa contradição de corte eclesiástico, apon- to também, de maneira rápida, outro conflito: o desarraigamento cultural, característica do trabalho das paraeclesiásticas. No Brasil destacam-se como trabalho relevante as análises do dr. Antonio Gouvêa Mendonça (Consultar *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, Edições Loyola, 1990).

A questão estratégica das paraeclesiásticas é muito simples em sua concepção. Elas querem ser um braço da Igreja, ou seja, atuar onde a Igreja não atua, fazer aquilo que a Igreja não faz. No Brasil pode-se constatar que trabalham com acampamentos para jovens e adolescentes, campanhas evangelísticas, conjuntos musicais, literatura e institutos bíblicos.

O objetivo deste será esclarecer a contradição existente quanto à proposta das paraeclesiásticas no que diz respeito ao evangelismo praticado por elas. Evangelismo não é o mesmo que evangelização. Nesse sentido estamos em consonância não só com a tradição ecumênica, mas também com a evangeli- cal, pois ambas afirmam essa diferença. Evangelismo é o conjunto de métodos que empregamos para levar a cabo a evangelização. Em muitos casos o que vemos no trabalho das paraeclesiásticas é que substituíram a evangelização pelo evangelismo, confundiram a Missão com a Instituição e fizeram das propostas estratégicas um fim em si mesmo transformando-se em pequenos guetos eclesiásticos onde a luta pelo poder, a ganância pelo dinheiro, a corrupção e o estrelismo dos líderes — pregadores cinco estrelas — tornaram-se o objetivo a ser perseguido. Ou seja, tornaram-se piores do que a antiga igreja que eles tanto criticavam ou queriam ajudar.

Aprofundando um pouco mais a questão e tomando como ponto de partida os vários níveis do conflito citados acima, gostaria de enfocar a contradição das paraeclesiásticas numa perspectiva missiológico-pastoral a partir de três problemas: o teologal, o eclesial e o social.

O problema teologal

Tal problema está relacionado com um conceito teológico importantíssimo

para todo trabalho missionário: a conversão. A conversão é um tema neotestamentário, bíblico e, portanto, presente na história das missões. Sem conversão não há missão e não há Igreja de Cristo. O problema reside no fato de que as paraeclesiásticas, tanto as que vieram dos Estados Unidos como as versões tupiniquins, articularam um conceito ideologizado de conversão. Ou seja: se converter "ou nascer de novo" significa transformar-se num cidadão norte-americano e assumir os valores do *american way of life*. A conversão entendida nesses moldes promove uma "castração" nas pessoas ao invés de libertação, conscientização e preparo delas para assumir, com os lídios valores cristãos, a sua peregrinação na vida.

Esse problema teológico remete-nos para uma reflexão sobre o papel das editoras e dos institutos bíblicos dessas paraeclesiásticas. Nesse círculo vicioso fortalece-se essa ideologia com uma postura teológica fundamentalista que desemboca evidentemente numa leitura bíblica extremamente tendenciosa. Isso nos leva ao segundo problema.

O problema eclesial

As paraeclesiásticas jamais gostaram das igrejas, por mais que falem ou disfarçem. Quando articulam como estratégia de trabalho o conceito de que desejam ser o braço da Igreja e fazer aquilo que as igrejas não fazem, articulam, dentro de seus quadros, uma crítica velada. No final, porém, desemboca no problema para o qual eu aponto: todas as pessoas convertidas pelo trabalho de uma paraeclesiástica possuem uma fráquissima eclesiologia e um fráquissimo compromisso eclesial. Tanto faz se a Igreja existe ou não, ou então a Igreja acaba sendo, na opinião dessas pessoas, um mal necessário.

Não quero que os leitores, especialmente os que militaram e militam comigo nos arraiais paraeclesiásticos, pela renovação das igrejas "tradicionalis", me entendam mal. Quando eu afirmo que não há uma eclesiologia saudável, faço uma constatação teológica, falo da Igreja de Cristo e não das denominações. As paraeclesiásticas não podem nutrir nos seus convertidos um conceito saudável de eclesiologia porque não articulam também, em última instância, a tensão que existe entre as denominações e a Igreja do Senhor Jesus, com seu caráter universal e que reúne os santos em comunhão.

O problema social

Este terceiro aspecto também está relacionado com a tese já citada do desarraigamento cultural. Articulando um conceito ideologizado de conversão ("nascer de novo") era assumir os valores culturais norte-americanos; uma doutrina da igreja (eclesiologia) sem consistência doutrinária e teológica (servia mais para afastar as pessoas das igrejas que trazem as pessoas para a comunhão dos santos); a consequência desse processo seria naturalmente afastar as pessoas das suas responsabilidades sociais e do exercício da cidadania. Isso era articulado por uma leitura bíblica altamente tendenciosa, por exemplo, de Romanos 13, que exige obediência e submissão às autoridades constituídas.

Tal comportamento é reforçado pela maneira como os "missionários" estrangeiros controlam as paraeclesiásticas, até mesmo cercando a formação teológica dos líderes brasileiros, ou fornecendo uma formação teológica de péssima categoria. Nesse particular as paraeclesiásticas são responsáveis no Brasil por um fenômeno que chamo de "subnutrição teológica" implementado pela disseminação dos institutos bíblicos. Esse tipo de formação teológica, que é mais um treinamento, fortalece o maniqueísmo dualista Igreja-mundo e não prepara os cristãos para uma atuação consciente no mundo como sal e luz, antes afasta-os numa postura alienante e descompromissada com os problemas da nossa sociedade.

Conclusão

Meu artigo pode parecer contraditório. Início falando que numa classe de aproximadamente quarenta estudantes de teologia quase a maioria se havia convertido e sido chamada para o ministério por meio do trabalho das paraeclesiásticas. Depois faço uma série de críticas e aponto problemas. Meu artigo não é contraditório. Ele constata uma realidade que pode ser entendida por muitos como uma bênção de Deus. Eu prefiro entender essa realidade como um alerta de Deus. A Igreja Evangélica brasileira é o que ela é hoje porque é fruto de um processo histórico ao qual as paraeclesiásticas deram a sua contribuição.

Luiz Longuini Neto, pastor presbiteriano (IPB), mestre em Ciências da Religião, doutorando em Missiologia e Pastoral.

Recriando a esperança num mundo sem futuro

Zwinglio Mota Dias

A comunidade cristã é uma minoria exemplar e crítica que tem a função de fermento para a utopia universal do Reino de Deus, não interessada em aumentar o seu poder mas sim em preparar os filhos para o Reino. (Rudolf Weth)

A comunidade cristã, começando com os discípulos, vive num permanente processo de construção e reconstrução de sua presença na história em função da tarefa que lhe foi designada — a Grande Comissão de Jesus.

Nos diferentes momentos de crise, transformações profundas, revoluções e mudanças de paradigmas (Kuhn), as comunidades cristãs têm-se visto obrigadas a repensar e reformular seus modelos de presença no mundo, o que provocou não poucos cataclismos na história da humanidade que afetaram sobremaneira a própria existência da Igreja.

A Igreja na missão

Se a missão é parte essencial da comunidade cristã no mundo, ela não é, no entanto, algo que pertença e dependa fundamentalmente da Igreja. O Novo Testamento, quando fala de missão, refere-se basicamente à ação de Deus no meio de sua criação para recuperar e preservar a vida que se originou do mistério de sua vontade amorosa. É Deus quem está, desde sempre, em missão. A Igreja é sempre chamada para inserir-se e ser participante desta missão divina.

A evangelização, o anúncio da notícia boa não é mais que dar continuidade ao trabalho missionário de Deus, que culminou nos fatos poderosos que ele perpetrou por meio de Jesus Cristo. Ou, como disse o bispo Leslie Newbigin, "o privilégio da vida cristã não pode ser visto separado de suas responsabilidades. O mesmo Cristo que disse 'Vinde a mim todos os que estais cansados e sobre carregados e eu vos aliviarei' (Mateus 11.28) também disse àqueles mesmos discípulos 'como o Pai me enviou, também eu os envio' (João 20.21) e lhes mostrou os sinais de suas batalhas contra os governantes do mundo" (*Foolishness to the Greeks*, p. 124).

O processo missionário, portanto, implica uma auto-evangelização continuada dos próprios intermediários da *Missio Dei*. Embora a mensagem evangélica seja destinada a todos, isto somente indica a direção da missão, ficando a responsabilidade da preservação da vida do mundo nos ombros da comunidade cristã

na medida em que esta dá testemunho da vontade amorosa de Deus para com todas as suas criaturas.

A missão entre nós

Embora de forma distinta do ocorrido em outros continentes, podem-se observar, em nossa região, as mesmas atitudes que caracterizaram, maiormente, a empresa missionária do mundo norte-atlântico: desrespeito às culturas dos povos missionados, com desprezo às suas expressões religiosas; identificação da mensagem cristã com os estilos de vida e valores socioculturais vigentes nas sociedades de onde partia a missão; a criação de enclaves religiosos sem nenhuma conexão com os elementos culturais próprios das sociedades do Sul; e, finalmente, a transformação, conscientemente ou não, numa ideologia religiosa a serviço da expansão e da consolidação dos mecanismos de dominação das sociedades do Norte sobre os povos do Sul.

Lamentavelmente a atitude básica das empresas missionárias marcou tão profundamente o processo que a situação criada não mudou significativamente até nossos dias. Muitas denominações na América do Norte se deram conta, com o passar do tempo, da necessidade de uma nova atitude missionária, mas não obtiveram o êxito esperado. Os grupos mais conservadores, transdenominacionais e independentes que se foram desenvolvendo no Norte, ocuparam o espaço deixado pelas denominações tradicionais conservando e fortalecendo a velha perspectiva e dando seqüência à invasão cultural.

O surgimento do movimento ecumênico, com seu tremendo impacto nas relações interdenominacionais e confessionais, por um lado, e entre sociedades religiosas e processos sociopolíticos, por outro, não foi capaz de romper até agora a camisa-de-força do proselitismo que ainda viceja entre nós. Cumpre notar, entretanto, que o movimento ecumênico sepultou para sempre, pelo menos teoricamente, a diferenciação entre missão e ação social historicamente praticada pela empresa missionária. Ainda assim, isto não se dá na prática de grande parte dos agentes eclesiáticos no Norte e no Sul. A subcultura religiosa que emergiu como resultado da empresa missionária, poço comum no qual bebe a maioria dos fiéis de nossas igrejas, continua sendo afirmada como modelo a ser reproduzido pela ação evangelístico-pastoral da maioria das denominações.

Pistas para uma nova atitude missionária

Como reorientar nosso trabalho missionário de forma a apresentarmo-nos no interior de nossas sociedades como comunidades de esperança num tempo de tanta dor, violência e destruição da dignidade humana? As experiências fundantes da Igreja dos primeiros tempos correspondem, de fato, às nossas atuais estruturas, formas de atuar e de existir?

Sabemos que a fé cristã tem sido, é e vai continuar a ser um chamamento à esperança, principalmente quando as situações históricas se apresentam com horizontes fechados e atiram milhões de pessoas na noite obscura do pessimismo paralisante e, no melhor dos casos, do conformismo fatalista.

Que fazer, então? Sugiro três atitudes que podem nos ajudar.

Discernir a ação do Espírito

A história das comunidades cristãs está repleta de exemplos semelhantes que nos fazem, pela sujeição à ação do Espírito, abertos às possibilidades da vida, apesar da força e do poder dos sistemas que se foram engendrando sucessivamente ao longo da história a fim de impedir a dignidade da vida para as filhas e filhos de Deus.

Todavia, para que a esperança triunfe entre eles, é necessário discernir onde e como o Espírito está atuando. É necessário não se deixar abater pelo temor, pelo engano e pelo desânimo gerados pelo sofrimento nosso e da grande maioria de nossos povos, postos à margem das possibilidades de vida. Ao contrário, devemos resistir, revestindo-nos, como comunidades de fé e de esperança, e com inteligência, coragem e decisão, produzir os frutos do Espírito (Gálatas 5.22-23) que hoje constituem fonte de uma contracultura que rechaça e anatematiza a visão de mundo e os supostos valores do sistema de morte em que nos encontramos.

Reconstruir a comunidade de fé

Devemos voltar às experiências relatadas na Bíblia não apenas para renovar nosso entendimento dos fatos ali registrados como para fortalecer nossa esperança e descobrir novas pistas que nos ajudem a relançar nossas possibilidades missionário-pastorais. Se nos deixarmos conduzir pelas experiências fundantes de nossa fé, seremos capazes de superar o cativeiro político-ideológico em que importantes setores de nossas igrejas estiveram envolvidos nas décadas passadas.

Assumir a proscrição como valor evangélico fundamental

A partir de sua perspectiva profético-escatológica, Jesus dava ênfase ao fato de que a salvação escatológica e a recuperação da integridade de Israel, enquanto povo eleito de Deus, já estavam disponíveis. "O Reino de Deus está entre vocês", dizia (Lucas 17.21). Esta perspectiva fez com que ele se apartasse da religiosidade dominante na Palestina greco-românica. Jesus encontrou-se na condição de um excluído, de um proscrito em meio de seu próprio povo. E esta condição não somente lhe foi imposta por seus adversários, os que administravam o poder político-religioso simbolizado pela autoridade do Templo e da Tora, antes foi assumida conscientemente por ele mesmo. Trabalhando com os mesmos símbolos que davam sentido e orientação às pessoas, Jesus oferecia, sem dúvida, uma interpretação distinta, assinalando nas mais diferentes situações que o *locus* do poder e da presença de Deus não é constituído pelas estruturas cílticas, nem pelo corpo doutrinário, nem por lugares sagrados, mas se encontra nas pessoas mesmas, suas criaturas.

É certo que sua proclamação da instauração do Reino é destinada a todos. Ninguém é esquecido. Todos são convidados. Mas também é certo, como atestam os documentos mais antigos, e nos revela a ciência bíblica mais atualizada, que o Reino é oferecido primordialmente a três classes de pessoas, justamente aquelas oprimidas e rechaçadas pela oficialidade político-religiosa, mesmo que fossem judeus: os empobrecidos, os destituídos de tudo, excluídos do convívio social e portanto proscritos da sociedade oficial; os enfermos, os deficientes, os inválidos, etc; e os cobradores de impostos, os pecadores em geral, as prostitutas.

Ao criar uma comunidade de iguais entre os rechaçados, aqueles que foram feitos sobrantes e supérfluos, Jesus assumiu com eles sua mesma condição de excluídos e proscritos.

Como um excluído que se fez proscrito no mundo por amor aos deserdados da terra, ele tornou pública a situação humana e social, rompeu com todos os preconceitos e reafirmou a misericórdia e o amor como as bases de uma verdadeira humanidade.

Zwinglio M. Dias, teólogo e pastor presbiteriano, integra a equipe de KOINONIA.

“Entre vocês não será assim!”

Mateus 20.20-28

Walter Altmann

Num primeiro momento proponho que estabeleçamos o contraste. Jesus conhece bem a realidade: “Vocês sabem que os governadores mandam no povo e os que são os líderes os dominam”. (A Bíblia de Estudos em espanhol diz: “os chefes governam com tirania a seus súditos.”) Esta é a normalidade das relações políticas e sociais que também nós conhecemos. Estamos cientes do jogo de poder, da busca de prestígio e influência, da competição entre grupos, muitas vezes de vida ou morte. Assim o experimentamos entre nações, em partidos políticos, em sindicatos e em outros organismos sociais. Assim o percebemos nos embates ideológicos e nos conflitos bélicos. A história da humanidade o demonstra a cada passo.

Em contraste, Jesus diz que na comunidade cristã já não será assim. Aí quem queira ser grande, esse deverá servir aos demais. “Quem entre vocês quiser ser o primeiro, deverá ser o escravo dos demais”. Podemos recordar-nos agora das muitas passagens bíblicas que nos falam da Igreja como corpo, como comunhão, em que os mais fracos têm privilégios. Essa é a visão bíblica da comunidade cristã.

No entanto, perguntemo-nos: por que razão haveria isso de ser diferente na comunidade cristã? Ou que haveria nela de tão peculiar? Bom, a razão seguramente não reside na qualidade moral desse grupo de pessoas que se intitulam cristãs, senão que nesse Senhor atípico em cujo nome essas mesmas pessoas se reúnem. “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome,” diz Jesus, “ai estarei no meio deles”. A presença de Jesus é a marca distintiva, e não outra da comunidade cristã, ainda que tal diferença tenha muitas consequências práticas.

Em verdade perguntemo-nos auto-criticamente se de fato estamos tão claramente reunidos no nome dele. Estamos reunidos no nome de Jesus? Ou levamos em nossa bagagem alguns planos ou programas que talvez até gostaríamos de impor? A linha divisória entre disposição para servir e intenção de dominar é tantas vezes muito tênue e ninguém está por si próprio imune à tentação de pretender fazer passar seus anseios de poder por uma muita abnegada disposição para servir. Esses são mecanismos ideológicos que afetam também a cada um de nós. A Bíblia o intitula de pecado. E todos nós somos pecadores.

Então devemos ter a coragem de nos perguntarmos sobre as relações entre nós mesmos, as relações internas das instâncias de direção, entre nós e as igrejas. De que tipo são essas relações? São mais do tipo “como vocês sabem...” ou mais de acordo com a promessa de Jesus “entre vocês não será assim”? Porque não podemos iludir-nos: a igreja também pode acontecer como no mundo da política. Todos nós o conhecemos de nossas próprias igrejas e organismos: com freqüência há mais luta por poder do que disponibilidade para servir, mais apegar-se a cargos do que disposição para o discipulado. A história das igrejas na América Latina e no Caribe também o atesta com trágica clareza. Devemos contar de antemão com a possibilidade de que nossas igrejas e organismos acabem por ser mais um reflexo das relações normais de poder no mundo político do que um sal transformador de nossa realidade.

Pois também entre os próprios discípulos de Jesus ocorreu assim. Primeiramente os filhos de Zebdeu e sua-mãe queriam lugares privilegiados e de poder junto a Jesus; a seguir, os outros dez discípulos ficaram com raiva deles revelando o mesmo espírito discriminador. A resposta de Jesus, por seu turno, não foi discriminatória, senão que demonstrou qual é a perspectiva daquele que deseja segui-lo: servir e, mais radical, tomar o cálice amargo que estava reservado para ele próprio.

Com isso passo para o segundo aspecto que já não é o contraste do serviço no discipulado com as regras de poder vigentes nas relações políticas e sociais, senão que a promessa e o convite para que a realidade na igreja seja, ainda assim, diferente do que comumente conhecemos: “Entre vocês não será assim!”

É uma lástima que muitas das traduções da Bíblia em linguagem popular, como a espanhola, ao que parece segundo modelo estadunidense, em muitas passagens moralizaram o que em verdade é uma promessa. O original não diz “entre vocês não deverá ser assim”, senão que “entre vocês não será assim”. Há uma grande diferença. Porque “entre vocês não deverá ser assim” deixa implícito que haveria em nós uma especial capacidade inata de ter atitudes bem diferentes daquelas que conhecemos nas relações de poder. Enquanto isso, “entre vocês não será assim” nos fala de uma maravilhosa ca-

Entre nós, com freqüência, há mais luta por poder do que disponibilidade para servir, mais apegar-se a cargos do que disposição para o discipulado

pacitação nossa que nos vem de fora de nós mesmos, ou seja, de Deus, para novas atitudes para as quais, em verdade, somos incapazes. É uma promessa que devemos agarrar com fé, não simplesmente um mandamento que devemos cumprir com nossa vontade. E felizmente também disso a história da Igreja está cheia de exemplos. Inúmeras são as pessoas que dedicaram suas vidas, e muitas até as entregaram em martírio, também em nosso continente, à causa desse Reino de justiça e de igualdade. Igrejas e organismos ecumênicos também puderam ser instrumentos desse Reino — fracos muitas vezes, mas justamente em sua fraqueza muito autênticos.

Isso significa: ainda que as relações de poder nas igrejas têm a possibilidade, e mesmo a probabilidade, de não serem diferentes das que regem as relações de poder no político e no social em geral. Isso tampouco é uma fatalidade a que teremos que nos resignar, pois há uma promessa divina: “Entre vocês não será assim!” Repito: “Não será as-

sim!”. E por conseguinte quando detectarmos em nossas igrejas e organismos, em nossas congregações, em nossos próprios corações, pensamentos e vontades nas estruturas e as tentações de dominação, já não podemos mais tomar isso como “natural”, como “normal”.

A partir da promessa de Deus há uma nova normalidade: a normalidade do alternativo; a normalidade do que não se conforma; a normalidade do privilégio dos mais pequeninos; a normalidade dessas novas relações que percebemos e experimentamos efetivamente no próprio Jesus. Nesse sentido “entre vocês não será assim” é também um convite: em primeiro lugar um convite à nossa fé; e em segundo, um convite a nossas ações. Que sejam de acordo com a nova normalidade do “entre vocês já não será assim!” Entre vocês também foi assim, mas não necessita mais ser assim. Dito de outro modo: é um convite à mudança, ao arrependimento, a um novo modo de ser e de relacionar-se. Isso vale para nossas igrejas, vale para cada um de nós.

Esse milagre é possível. Há a promessa de Jesus: “Entre vocês não será assim!” Podemos crer nisso; se cremos nisso, digamos: “Amém!”

Walter Altmann é teólogo luterano e presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai).

Sermão proferido durante reunião da Junta Diretiva do Clai (Quito, maio/95).

SEJA ASSINANTE DE TEMPO E PRESENÇA

e tenha em mãos uma publicação singular. São páginas que nestes mais de quinze anos se renovaram e se constituíram referência indispensável para todos os que se têm comprometido com a construção de uma realidade melhor. E se recusam a admitir silenciosos as imposições de uma democracia não-democrática, e de um mundo que não desejamos.

FAÇA AINDA HOJE SUA ASSINATURA, por apenas R\$ 15,00. Caso queira se tornar um assinante de apoio, envie-nos R\$ 20,00. Cheque ou vale postal para:

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
A/C Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 224-6713 Fax (021) 221-3016

Obstáculos não removidos

COMENTÁRIOS À ÚLTIMA ENCÍCLICA PAPAL SOBRE ECUMENISMO

Jether Ramalho

O ecumenismo continua em discussão. Há um sentimento generalizado de que ele atravessa uma rica e desafiadora fase de transição. Muitos entendem que é o momento de se ultrapassar a conceituação que o restringia a um forte empenho de se construir a unidade dos cristãos, para uma concepção mais ampla que, colocando como paradigma a dignidade humana, inclua no processo todos aqueles que se comprometem com a unidade e a integridade do mundo habitado.

No dia 25 de maio deste ano, o papa João Paulo II promulgou uma nova carta encíclica sobre o ecumenismo, intitulada *Ut unum sint* (Para que sejam um). É um documento de ínole pastoral, em que são reafirmados certos conceitos teológicos já aceitos pela Igreja Católica Romana sobre a unidade dos cristãos, sem entretanto, tecer novas elaborações ou colocá-los em debate.

A encíclica dirigida especialmente aos cristãos, se propõe a dar "um contributo e um apoio para o esforço de todos os que trabalham pela causa da unidade". Chama a atenção para a aproximação do ano 2000 que será para os cristãos o Jubileu sagrado, comemoração da Encarnação do Filho de Deus e para a necessidade de estarem unidos a fim de "fazer frente à tendência do mundo em tornar vã o Mistério da Redenção".

A encíclica afirma que, além das divergências doutrinárias que ainda subsistem entre os cristãos, não se "pode ignorar o peso das atávicas incompreensões que herdaram do passado, dos equívocos e preconceitos de uns relativamente aos outros", além do conhecimento recíproco insuficiente e da necessidade da purificação da memória histórica.

O compromisso ecumênico da Igreja Católica

Pela carta pontifícia a Igreja Católica Romana reafirma o seu empenho, *de modo irreversível*, em "percorrer o caminho da busca ecumênica, colocando-se assim à escuta do Espírito do Senhor, que ensina a ler com atenção os 'sinais dos tempos'", ao mesmo tempo que "reconhece e confessa as fraquezas dos seus filhos, consciente de que os seus pecados constituem igualmente traições e obstáculos à realização dos desígnios do Salvador".

A unidade da Igreja, continua a encíclica, não é "um elemento acessório, mas situa-se no centro mesmo da sua

obra. Nem se reduz a um atributo secundário da Comunidade dos seus discípulos".

Conversão-oração-diálogo

O papa destaca, de forma enfática, três elementos primordiais na busca da unidade. Ele afirma: "Não existe verdadeiro ecumenismo sem conversão interior e isso se refere tanto à conversão pessoal como à conversão comunitária. Cada um tem que se converter mais radicalmente ao Evangelho e, sem nunca perder de vista o designio de Deus, deve retificar o seu olhar".

Quanto ao primado da oração a encíclica enfatiza: "Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecumênico, e com razão podem ser chamadas ecumenismo espiritual".

Outro pilar da busca da unidade está no diálogo. A encíclica indica que se devem colocar em primeiro plano "todos os esforços para eliminar palavras, juízos e ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles". E continua: "É preciso passar de uma posição de antagonismo e de conflito para um nível onde um e outro se reconheçam reciprocamente como partes. Quando se começa a dialogar, cada uma das partes deve pressupor uma vontade de reconciliação no seu interlocutor, de unidade na verdade".

Acentua-se também a importância da colaboração prática: "As relações entre os cristãos não tendem somente ao recíproco conhecimento, à oração comum e ao diálogo. Prevêem e exigem, desde já, toda a colaboração prática possível nos diversos níveis: pastoral, cultural, social, e ainda no testemunho da mensagem do Evangelho".

Avanços na caminhada ecumênica

O pontífice assinala que, sob uma visão de conjunto, houve, a seu entender, nos últimos trinta anos "muitos frutos desta conversão comum ao Evangelho, cujo instrumento usado pelo Espírito de Deus foi o movimento ecumênico".

Afirma que "mesmo a expressão *irmãos separados*, o uso tende hoje a substituí-la por vocábulos mais orientados a ressaltar a profundidade da comunhão. (...) Fala-se dos outros cris-

tãos, dos outros batizados, dos cristãos das outras Comunidades".

Reconhece a importância do movimento ecumênico moderno que teve início precisamente no âmbito das Igrejas e Comunidades da Reforma, e do papel importante do Conselho Mundial de Igrejas. Destaca ainda como aspectos positivos da caminhada ecumênica: a solidariedade no serviço à humanidade, as convergências na Palavra de Deus e no culto divino, a apreciação dos bens presentes nos outros cristãos, o crescimento da comunhão e o diálogo com outras igrejas.

Na encíclica há menções especiais ao diálogo com as igrejas do Oriente, considerando os seus resultados extremamente fecundos e tece elogiosos comentários à aproximação com a Igreja Ortodoxa.

Com referência às Igrejas, frutos da Reforma, citando o Concílio Vaticano II, constata: "É preciso, contudo, reconhecer que entre estas Igrejas e Comunidades e a Igreja Católica há discrepâncias consideráveis, não só de ínole histórica, sociológica, psicológica, cultural, mas sobretudo da interpretação da verdade revelada".

Assinala, entretanto, a encíclica que muitos valores espirituais, morais e culturais, os sentimentos vivos da justiça e da sincera caridade para com o próximo estão presentes nas igrejas protestantes.

Persistem velhas questões

Apesar da intenção declarada da encíclica de ser contribuição ao avanço do ecumenismo, ela não acrescenta novos elementos a questões muito delicadas que têm impedido maior aprofundamento no caminho da unidade das igrejas. Em síntese, é a reafirmação do projeto ecumênico do Vaticano que apresenta como elementos básicos: o primado do Bispo de Roma como centro da unidade dos cristãos e a convicção de que a Igreja de Cristo só subsiste em sua plenitude na Igreja Católica.

Ratificando o Concílio Vaticano II, o papa assinala: "A Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele... e que fora da sua comunidade visível, se encontram muitos elementos de santificação e de verdade os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica".

Sobre a posição eclesiológica, a encíclica sublinha: "A Igreja Católica crê

que, no acontecimento do Pentecostes, Deus já manifestou a Igreja na sua realidade escatológica... Ela já está presente. Por este motivo, já nos encontramos no fim dos tempos. Os elementos desta Igreja, já presentes, existem, incorporados na sua plenitude, na Igreja Católica e, sem tal plenitude, nas outras Comunidades, onde certos aspectos do mistério cristão foram, por vezes, mais eficazmente manifestados".

Outro elemento que tem causado dificuldades é o que se refere à posição que o papa se outorga no processo ecumênico. Citando documentos pontifícios, a encíclica destaca: "Entre todas as Igrejas e Comunidades eclesiás, a Igreja Católica está consciente de ter conservado o ministério do sucessor do apóstolo Pedro, o Bispo de Roma, que Deus constituiu como "perpétuo e visível fundamento da unidade". E mais adiante: "Este serviço da unidade, radicado na obra da misericórdia divina, está confiado, no seio mesmo do colégio dos Bispos, a um daqueles que receberam do Espírito o encargo, não de exercer o poder sobre o povo... mas de o guiar para que possa encontrar-se em pastagens tranquilas". Considera a encíclica significativo e encorajador que a questão do primado do Bispo de Roma esteja sendo objeto de estudo no conjunto do movimento ecumênico.

Também não houve avanços, no texto da encíclica, sobre as questões do pleno reconhecimento dos ministérios e da participação eucarística.

Faltaram outras perspectivas

A encíclica também não entra em considerações sobre os novos movimentos religiosos, mesmo os originados de igrejas cristãs, nem sobre o diálogo desafiador e indispensável com outras expressões religiosas não-cristãs, de expressão mundial, que têm influência na vida de milhões de pessoas e nas relações internacionais.

Também na encíclica não há referências às questões do relacionamento da fé com a cultura e das implicações, para o movimento ecumênico e para a Igreja, das modificações éticas, morais, políticas e econômicas que marcam o mundo nestes poucos anos que antecederam ao terceiro milênio.

Jether Ramalho, sociólogo, membro da Igreja Evangélica Congregacional e editor da revista *Tempo e Presença* de KOINONIA.

Meditação

Bíblia com vida

Milton Schwantes

Interessante na Bíblia são os conteúdos. É por isso que ela cativa, me entusiasma.

De resto já é bem antiga. Quando a gente a lê, às vezes até parece antiga demais, velha até. A gente se sente atrapalhado por palavras que são usadas. A gente fica desajeitado diante de termos e de figuras que já não são de nosso mundo, de nosso linguajar.

Passadas tais estranhezas do momento, e chegando-se aos conteúdos, a Bíblia cativa. Surpreende. Já vi muitas pessoas ficarem maravilhadas, ao entrarem Bíblia adentro: "Mas, isso está na Bíblia!". Ficam surpresas. Não esperavam pelo que encontram...

São os conteúdos

Olhe para o Éxodo: Deus apoiando a luta de escravos em prol da liberdade. É uma história encantadora, comovente. Aquelas mulheres e homens, escravizados na construção de belos edifícios para o faraó, lutam e se libertam. E Deus, ali a seu lado, dando força, animando, para que aquelas gentes escravas saiam da casa da opressão. É uma história maravilhosa.

Olhe para o livro de Cantares ou, como outros o chamam, o Cântico dos Cânticos. É um livro bem diferente do Éxodo. Cantares celebra o amor, a sexualidade. Em cena está o encontro de homem e mulher, beijos e carícias. Outro dia alguém, pela primeira vez, leu esse livro e me disse: "Mas, a Bíblia fala assim de

sexo?..." Fala sim! É que nossa Bíblia não é de jeito nenhum moralista. Nela se festeja a presença de Deus em nossa vida.

E olhe um evangelho como o de Lucas. Penso em Lucas, porque neste ano, nas liturgias aos domingos, se lê esse evangelho. Que evangelho tão forte e atual, para este espoliado Brasil! Está cheio de esperança para os pobres. Lucas está todo ele dedicado aos mais enfraquecidos, às mais sofridas. Seu tema é "pôr em liberdade os oprimidos" (Lucas 4,18). Este objetivo é como se estivesse escrito para nosso próprio povo.

Sim, os conteúdos. É por eles que as coisas da Bíblia cativam a gente, animam nossos corações.

Mas, também não é lá tão simples assim. O problema, não raro, é chegar aos conteúdos, é ter acesso à fonte dessa água boa.

E isso, porque esses conteúdos tão belos, fortes e

encantadores seguidamente ficam entulhados em nossos preconceitos. Por vezes, ficam atulhados em meio a um jeito meio antiquado das igrejas. Ficam escondidos, até porque temos medo dos conteúdos desafiadores da Bíblia.

Por isso, olhe também para a realidade de sua vida e você estará em meio à Bíblia! Siga pela Bíblia adentro com os pés de suas experiências, de sua vida concreta e diária. Não entre pela Bíblia só com a cabeça, mas com os pés enlameados de sua existência, com suas emoções fortes ou belas.

Sim, a experiência de nossa vida ajuda a entrar pra Bíblia. Ajuda a ler e a compreender. Afinal, o que conta a Bíblia é, mais ou menos, o que você também vive e experimenta. Não são coisas extraterrestres que constam naquelas páginas. Lá se fala de gente como você e eu. Por isso, seja você, sejamos nós mesmos com nossas experiências e perguntas, e vamos com elas para a Bíblia.

Com essa bagagem seremos bem recebidos.

É como quando você vai visitar seus pais, aqueles que moram lá longe, lá pros interiores. Se você chegar sem uma malinha, sem uma bagagem, sua mãe logo vai ficar triste: "Mas, minha filha, você nem vai ficar!" Por isso, leve sua bagagem e sua mãe vai ficar contente. Vai logo perceber que você veio para ficar.

Semelhante é a Bíblia. Se você vier a ela sem a bagagem de sua vida, ela fica triste.

Você corre o risco de não entender seus assuntos, de não ter conversa séria com ela.

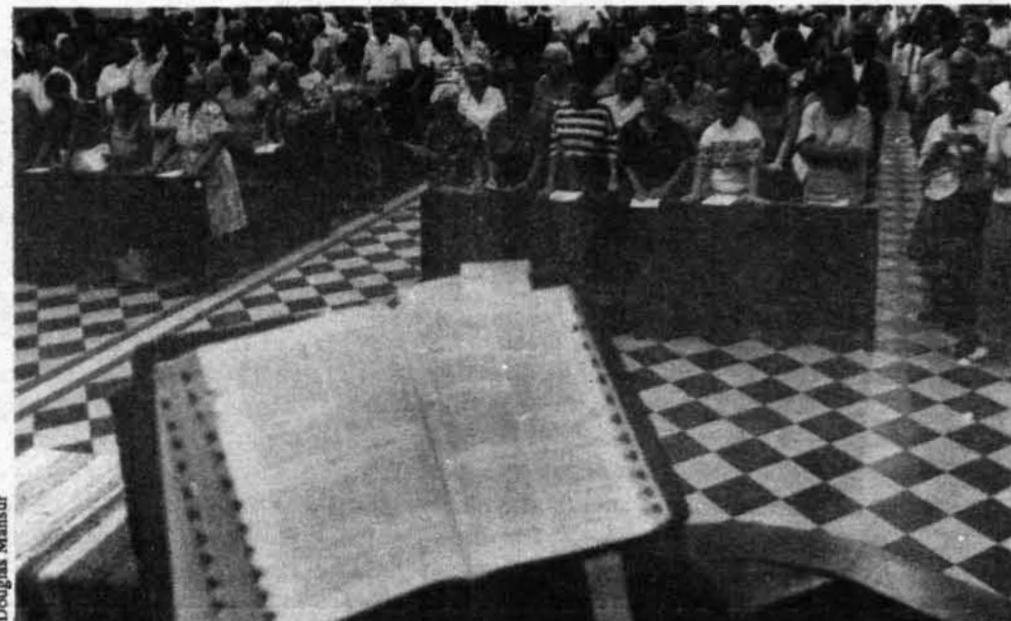
É como quando você liga o rádio. Ao ligá-lo, a gente o faz para buscar um certo tipo de música, um noticiário, um esporte. Depende do momento. Se a gente liga o rádio sem saber o que quer ouvir, então fica tudo meio chato. Você fica *surfando* pelas estações sem encontrar nada que lhe agrade. Pois, você não sabe o que quer.

Vá à Bíblia com sua vida, suas perguntas, seus anseios. Ela gosta disso. Pois, aí sim, ela sintoniza com você.

Vá pela porta de sua própria realidade.

Bíblia misturada com a vida, com a nossa vida, é boa mistura.

Milton Schwantes, biblista e pastor luterano, é integrante de KOINONIA.



Douglas Mansur

CUIDADO PARA NÃO FICAR FORA DO CONTEXTO!

Rio de Janeiro, agosto de 1995.

Prezado leitor,

Você não pode ficar de fora do grupo de pessoas que recebem o jornal CONTEXTO PASTORAL. Isso porque trata-se de uma publicação de cunho ecumênico que tem o objetivo de ser um painel no qual diferentes análises acerca da teologia e da pastoral, e da participação dos cristãos na sociedade são privilegiadas.

Além disso, entrevistas, reportagens, estudos bíblicos, subsídios litúrgicos e reflexões chegam bimestralmente em suas mãos num formato bonito e agradável de se ler. Sem falar no suplemento DEBATE, que aborda com profundidade temas conjunturais numa perspectiva teológica e pastoral. Temos buscado melhorar ainda mais o projeto editorial e gráfico com a contribuição de autores de nome no cenário ecumônico nacional e internacional. Por tudo isso, você não pode parar de receber

CONTEXTO PASTORAL. Esta é a razão por que estamos insistindo para que se torne assinante, o que vai significar que você receberá regularmente o jornal, a informação de assuntos de seu interesse e alguns descontos especiais noutras publicações de KOINONIA. Para motivá-lo ainda mais no sentido de fazer a assinatura de CONTEXTO

PASTORAL, você recebe inteiramente grátis um livro de sua escolha como brinde ao fazer a assinatura do jornal.

Como apresentado na primeira carta que chegou em suas mãos, torna-se cada vez mais difícil enviar-lhe graciosamente o nosso jornal. Por isso, sem qualquer ônus, você está recebendo de forma gratuita, pela última vez, este exemplar. Mas o bom mesmo será que você, ao se associar a nós, não deixe de receber os próximos números. Afinal, você não pode ficar fora do contexto.

Contamos com você!

Fraternamente,

OS EDITORES

(Desconsiderar esta carta se você já fez/renovou sua assinatura)

Envie este cupom a: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, Setor de Distribuição

Rua Santo Amaro, 129, 22211-230 Rio de Janeiro RJ

Tel (021) 224-6713 Fax (021) 221-3016.

- Assinatura anual — R\$ 10,00
- Assinatura de apoio — R\$ 15,00
- Assinatura exterior — US\$ 15,00

Cole aqui a etiqueta de endereço que veio no seu CONTEXTO PASTORAL

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CIDADE _____ ESTADO _____

CEP _____ TEL _____ FAX _____

PROFISSÃO _____

ESCOLARIDADE _____ DATA DE NASCIMENTO _____

IGREJA OU INSTITUIÇÃO _____

Desejo receber gratuitamente o seguinte livro como brinde especial de CONTEXTO PASTORAL

- A experiência da fé** — Variações sobre o homem da Bíblia (Meditações)
Júlio Barreiro
- O drama da conversão** — Análise da ficção batista
Élter Dias Maciel

- Unidade e prática da fé** — Pastoral Ecumênica da Terra em Xerém (RJ)
- Pão, Vinho e Amizade** (Meditações)
Julio de Santa Ana
- Evangelização no Brasil de Hoje**
Günther Barth